

A linguagem teológica-eclesial do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA): uma ênfase na celebração de eleição e inscrição do nome

André Luiz da Silva ¹

Resumo: Assumir o seguimento a Jesus Cristo, de certa forma, agora é muito mais informal em relação ao povo antigo que observamos nas Sagradas Escrituras. O povo precisava ter um ato elegível, partindo da pessoa de Deus em seguida do eleito, que se colocava no seguimento de salvação. Essa forma pedagógica do *ekletos*, que escuta o chamado, tem sua adesão e em seguida, o total seguimento livre. Nos últimos anos da vida eclesial e iniciática, com diversas mudanças, pandemia, contextos pós-modernos e avanços tecnológicos revelam um espaço complexo que gera uma crise de Iniciação dentro da instituição. A celebração de Eleição e Inscrição do Nome, que é realizada no tempo da purificação e iluminação (Quaresma), deixa clara que a iniciação é feita em comunidade. É a comunidade que ajuda e dá suporte na caminhada do cristão. A celebração expõe que a comunidade é o sustento para o eleito ter uma fé firme e caminhar com coragem, mesmo tendo a consciência da vulnerabilidade humana. Tendo uma linguagem celebrativa própria, com abundância de textos bíblicos, símbolos e sinais chegaremos à experiência iniciática na comunidade, “porque não há comunidades, não há catecumenato, e porque não há catecumenato, não chegamos a comunidades” (BOROBIO, 2007, p. 549).

Palavras-chave: Teologia; Eclesiologia, RICA; Catequese; Liturgia.

INTRODUÇÃO

Restaurado pelo *Concilium Vaticanum II*, o *Ordo Initiationis Christianae Adultorum* (OICA), modifica a estrutura iniciática, dividindo em tempos e etapas², propondo um percurso sólido e espiritual tendo como base a Tradição Apostólica de Hipólito e os antigos livros litúrgicos (libelos). É uma proposta sólida, pois muda a perspectiva da iniciação sacramental e revela o caráter principal do OICA³, que é a iniciação na comunidade e a experiência do “Cristo total, cabeça e membros” (Cf. CIC 796).

Tanto a mudança de mentalidade, quanto a coerência textual dos Ritos, passaram a ser pensados e restaurados em vista dos ministros que celebram o Rito, pois “a comunidade inteira é anúncio do Cristo através de suas palavras e atitudes. Convém, pois, que esta

1 Graduação em Filosofia e Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco; e-mail.: andre_l@outlook.com.

2 Cf. CAMARGO, Gilson, C. M. A Iniciação Cristã de Adultos. In. *Manual de Liturgia*. Os sacramentos: sinais do mistério pascal. Vol. III. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

3 “Os novos ritos modificam totalmente a apresentação do seu conteúdo. Em vez de capítulos com rubricas e preceitos, temos agora os *Praenotanda*, que com frequência são muito ricos de doutrina e de espiritualidade, e que por si só podem constituir catequese.” NOCENT. Adrien, “Os três Sacramentos da Iniciação Cristã. Os ordines da iniciação cristã do Vaticano II”, in VV.AA. *Anámnese 4: Os Sacramentos, Teologia e História da Celebração*. São Paulo, Ed Paulinas, 1989, p 74.

tome parte nas celebrações do catecumenato” (NOCENT, 1989, p 75.), e evidentemente na Celebração de Eleição e Inscrição do nome, na qual se acolhe os novos membros da comunidade eclesial.

A tradução de língua portuguesa para o Brasil da edição típica, aprovada em 2 de outubro de 1973 e promulgada no dia 14 de dezembro do mesmo ano, sob o protocolo de número 2042/73, pelo então presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Aloísio Lorscheider é verdadeiramente uma pérola para a Igreja do Brasil. Como escreve no texto de apresentação, o então responsável pela Liturgia na CNBB (2001), Dom Geraldo Lyrio Rocha, o RICA “oferece extraordinária riqueza litúrgica e preciosa fonte pastoral, especialmente na catequese de adultos e particularmente no que se refere ao restabelecimento do catecumenato na Igreja latina”. (ROCHA, 2001, p.7).

Com este estudo, tentaremos apresentar as riquezas da Celebração de Eleição e Inscrição do Nome contidas no Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA), seguiremos o seguinte caminho: no primeiro ponto, contemplaremos a Sagrada Escritura vendo alguns textos que nos relata sobre a eleição e inscrição do nome. Num segundo momento, ponto dois, veremos como na história da Igreja essas duas ações, eleger e escrever, se deram ao longo da história. No ponto terceiro, veremos a estrutura do Rito de Eleição e Inscrição do Nome do RICA. Por fim, no quarto e último ponto deste estudo, concluiremos apresentando alguns enredos ou paradigmas que fortalecem e revelam a linguagem teológica-eclesial desta celebração de Eleição e Inscrição do Nome.

1 DEUS, O GRANDE ELEITOR

Já na grande e primeira eleição, percebemos que é o Senhor Deus quem elegeu Israel para ser seu povo (cf. Ex 6,7; Ex 19,5; Sl 05; Is 65,9), uma eleição livre, sem um ato persuasivo (cf. Dt 7,6) e muito retributivo, visto que esse povo se torna consagrado (cf. Dt 14,5). Essa condição de povo consagrado gera um segmento comprometido (cf. Dt 4,3), livre e disponível ao grande eleitor. Segundo Bogaert e Delcor no dicionário enciclopédico da bíblia “a escolha mais comumente mencionada é a do povo de Israel. Deuteronômio 7,6-8 destaca a gratuidade dessa escolha, que não tem outra explicação senão o amor de Javé” (BOGAERT; DELCOR, 2013. p. 426.).

O Novo Testamento⁴ apresenta um caminho a percorrer onde a vida dos cristãos e a vocação está estreitamente ligada com a eleição. Os termos “eleito” (*ekletos*) e escolher são empregados como noções que se relacionam com o Pai, com Cristo e com seu povo reunido chamados de santos ou cristãos.

Cristo Jesus chamou, elegeu, escolheu e por isso enviou (cf. Rm 8,29-30). No relato lucano, contemplamos o salto teológico, comparando a profecia de Isaías (cf. Is 42,1; 49,1-7) onde Cristo é o Servo sofredor e agora ele é o Eleito de Deus (cf. Lc 9,35; Lc 23,35; Jo 1,34) também

4 Utilizaremos a forma abreviada: NT.

comparado como “Messias”, que chama para realizar uma aliança eterna de comunhão. O tema da eleição se estende ao povo reunido em Jesus Cristo, “raça escolhida, sacerdócio real, povo santo, propriedade de Deus” (cf. 1Pd 2,9) que tipologicamente será reconhecida como esposa de Cristo, a bela (santa) e disponível (pecadora) comunidade. (cf. 2Cor 11,2; Ap 19,7).

2 O ATO DE ESCREVER O NOME

O nome revela quem somos ou expressa o desejo de quem nos deu o nome: apresentando nossa finalidade na vida. Somos carregados de significados e nosso nome não ficaria fora do objeto criativo do homem na tentativa de comunicar-se. “Os nomes de plantas e demais animais expressam o desejo dos pais: que Débora, a “abelha”, seja criativa; que Tamar, a “palmeira”, seja fecunda”.⁵ No NT de forma mais celebrativa, a ação de escolher o nome se apresenta com o ato de continuação em escrevê-lo, por tanto registrado para a posteridade sendo escrito em pedra, madeira, livro etc. Por exemplo, quando no evangelho de Lucas encontramos o relato da inscrição do nome de João na tabuinha pelo seu pai Zacarias (cf. Lc 1, 62-63). Zacarias escreve para anunciar (comunicar) e bendizer a Deus, sendo sinal para o mundo.

No livro do Apocalipse temos os nomes das 12 tribos de Israel escritos nas muralhas e os dos Apóstolos nos doze alicerces da cidade (cf. Ap 21, 14). Essa forma solene e mistagógica que João revela onde estão registradas as doze tribos de Israel se estende por todo o livro do Apocalipse. Diante do trono, de pé, os mortos serão julgados segundo as obras realizadas que estão registradas nos livros (cf. Ap 20,12).

3 ELEGER E ESCREVER O NOME NA HISTÓRIA DA IGREJA: ADESÃO AO NOVO *STATUS VITAE*

Um dos relatos mais antigos, no IV século, Egéria em sua peregrinação já relata a liturgia e a catequese em Jerusalém, nos apresentando um modelo de ritual de passagem, contendo uma eleição e inscrição dentro do tempo da Quaresma com os eleitos e a comunidade que os acolhe. Sendo assim, Egéria escreve que “são instruídos aqueles que são batizados durante a Páscoa. Pois aquele que dá seu nome, dá antes do dia da Quaresma e o presbítero anota os nomes de todos, isto é, antes das oito semanas as quais disse aqui serem consideradas a Quaresma” (MARTINS, 2017. p. 221). Já se tem, portanto, um dia – mais distante se chamará Quarta-Feira de Cinzas – e um rito, ainda que breve, para a eleição.

Mesmo após o candidato ter sido eleito, contendo um dia e rito breve para essa eleição, a comunidade, talvez pela rigidez iniciática, convoca-os para um interrogatório onde, posteriormente, sendo bem visto e aprovado, teria seu o nome inscrito pelo bispo. Embora não contendo uma descrição exata do rito e onde são inscritos os nomes dos eleitos, a comunidade tem claro um rito de eleição e inscrição do nome para a segurança da própria comunidade que recebe o catecúmeno e o insere no caminho batismal.

5 Cf. BOGAERT, Pierre-Maurice; DELCOR, Matthias. Dicionário enciclopédico da bíblia. Trad. Ary E. Pintarelli e Orlando A. Bernardi. São Paulo: Loyola/Paulinas/Paulus/Academia Cristã, 2013. Pg.: 963.

No ocidente, já no III século com a Tradição Apostólica de Hipólito de Roma, descreve uma separação (eleição) entre os que foram bem avaliados no exame comunitário e os que ainda não estão prontos o suficiente. Essa forma de separação vista na Tradição Apostólica torna-se um ritual para que com a escolha (eleição), recebam a imposição de mãos diariamente, e sejam exorcizados, para serem banhados pela água do batismo, ápice sacramental⁶. Não tão distante, mas de forma oposta no sentido geográfico, Teodoro de Mopsuéstia, na Antioquia, de certa forma já apresentava um testemunho muito semelhante na fórmula de introduzir ou de registrar assim os candidatos para o batismo:

Aquele que, a partir de agora, deseja aproximar-se do dom do santo batismo, apresenta-se à Igreja de Deus. Ei-lo que chega à Igreja de Deus. Recebe-o aquele que está encarregado disso, pois é costume que os que se aproximam do batismo sejam inscritos. Este ofício é desempenhado, em favor dos que batizamos, por aquele que se chama garante. (Théodore de Mopsueste. *Les homélies*. XII,19. Antologia Litúrgica, p.792-793).

Mesmo não tendo a estrutura de acolhida, com nome de Celebração de Eleição e Inscrição do nome, o rito descrito apresenta uma inscrição no “Livro da Igreja” – que depois chamará livro dos eleitos – e nesse livro contém os dois nomes do candidato para o sacramento e também o nome da testemunha (garante)⁷, o padrinho ou madrinha⁸, que em seguida serão chamados de introdutores como apresenta o Ritual de Iniciação Cristã de adultos (RICA). O processo nos revela que se exigia uma relação muito comunitária e democrática; pois, sustentará a vida útil da própria comunidade, visto que todo processo teria como ponto culminante a adesão ao novo *status vitae* do candidato que a própria comunidade acolherá.

4 CELEBRAÇÃO DE ELEIÇÃO E INSCRIÇÃO DO NOME NO TEMPO DA PURIFICAÇÃO E ILUMINAÇÃO

Com o OICA, os tempos e etapas deram ao Ritual da Iniciação Cristã de Adultos um caráter pedagógico. Depois de um longo ou curto⁹ caminho de preparação, chamado Catecumenato¹⁰, o catecúmeno, candidato para os Sacramentos da Iniciação Cristã, entra so-

6 Cf. Tradição Apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III. Trad.: Maria da Gloria Novak introd.: Maucyr Gibin. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. – Coleção Clássicos da Iniciação. Nº 42-44.

7 Cf. Gregório de Nissa. Homilia sobre os que adiam o Baptismo. In: *Antologia Litúrgica*. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro século. Fátima: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. 2º Ed. 2015, p. 593.

8 Cf. Teodoro de Mopsuéstia. *Les homélies*. XII, Catequese Mistagógica. 16. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (Org). *Antologia Litúrgica*. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro século. 2º Ed. Fátima (Portugal), Coimbra, 2015, p. 793.

9 O Catecumenato é um percurso personalizado que depende do catecúmeno e seu testemunho e caminho dentro do Tempo do Catecumenato.

10 Tempo de preparação profunda e escuta da palavra de Deus, tempo vivenciado logo depois da Celebração de Entrada no Catecumenato, primeira etapa do RICA.

lenemente no Tempo da Purificação e Iluminação com a celebração de Eleição e Inscrição do Nome. O contexto litúrgico proposto para ser realizada a Celebração é o primeiro Domingo da Quaresma, que abre um tempo de “intensa preparação espiritual, mais relacionada à vida interior que à catequese, procura purificar os corações e espíritos pelo exame de consciência e pela penitência, e iluminá-los por um conhecimento mais profundo de Cristo, nosso Salvador”¹¹. Este Tempo é regrado por celebrações que darão o caráter e formação final do então, passada a celebração, eleito (Cf. RICA, n. 133-135).

O rito agora apresentado na Edição típica do *Concilium Vaticanum II* é restaurado da seguinte forma:

Proclamação da Palavra
Apresentação dos candidatos
Exame e petição dos candidatos
Admissão ou eleição
Oração pelos eleitos
Despedida dos eleitos
Liturgia eucarística¹²

A proclamação da palavra e homilia (liturgia da palavra), primeira parte, já revelam o caráter existencial do seguimento a Jesus Cristo dentro da comunidade; “um homem oprimido pelo mal (Gn 2,7-9;3,1-7), mas que também é vencedor do mal, porque Cristo, nossa cabeça, venceu a tentação (Mt 4.1-11). A segunda leitura é encorajante e positiva: lá onde abundou o pecado, derramou-se a graça em plenitude (Rm 5,12-19)”¹³. A mistagogia proposta a ser feita na homilia com os textos bíblicos utilizados do ano A¹⁴, favorecem ao completo e fortificante caminho espiritual que o eleito fará com a comunidade iniciática, “para que estes, esforçando-se por dar um bom exemplo, iniciem com os eleitos o caminho para os mistérios pascais”¹⁵.

A apresentação, o exame e petição dos candidatos demonstram o caráter comunitário e seletor do Rito de Eleição. Feita a homilia, quem é responsável pela iniciação apresenta-os com essas palavras:

(Padre) N., aproximando-se as solenidades pascais, os catecúmenos aqui presentes, confiantes na graça divina e ajudados pela oração e exemplo da comunidade, pedem humildemente que, depois da preparação necessária e da celebração dos escrutínios, lhes seja permi-

11 RICA, n. 25.

12 RICA, n. 139.

13 LELO, Antonio Francisco. A Iniciação Cristã. Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo, Paulinas, 2005. p. 73.

14 Cf. Lecionário Dominical - Ano A - Primeiro Domingo da Quaresma.

15 RICA, n. 142.

tido participar dos sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia.

Feita essa apresentação, onde cada um é chamado pelo nome, a comunidade ainda “deseja certificar-se” dos catecúmenos e seu percurso formativo. As três perguntas que qualificam esse interrogatório: “Ouviram eles fielmente a Palavra de Deus anunciada pela Igreja? Estão vivendo na presença de Deus de acordo com o que lhes foi ensinado? Têm participado da vida e da oração da comunidade?”¹⁶. Certificam, o rigor e o constrangimento para com o eleito, que terá a plena participação da comunidade, são frutos de tempos difíceis das comunidades primitivas, onde a necessidade de ter fiéis colaboradores era sinônimo de sobrevivência.

A admissão ou eleição e oração pelos eleitos, que com a declaração feita pelo presidente: “(N. e N.), eu declaro vocês eleitos¹⁷ para serem iniciados nos sagrados mistérios na próxima Vigília Pascal”¹⁸ constrói uma nova categoria e uma proximidade eclesial. Os padrinhos e madrinhas, ou introdutores colocam as mãos nos ombros dos eleitos, e quem preside prossegue com a oração pelos mesmos. Da mesma forma, as preces pelos eleitos são concluídas com as mãos de quem preside estendidas, dizendo a oração, transmite uma bela e profunda teologia da criação e salvação:

Pai amado e todo-poderoso, vós quereis restaurar todas as coisas no Cristo e atraís toda a humanidade para ele. Guiai estes eleitos da vossa Igreja e concedei que, fiéis à sua vocação, possam integrar-se no reino de vosso Filho e ser assinalados com o dom do Espírito Santo. Por Cristo, nosso Senhor.¹⁹

O Rito de Eleição e Inscrição do Nome culmina com a despedida dos eleitos. “O termo eleito indica que os crentes são objetos da ação gratuita de Deus: ele os há iluminado e agora, à sua luz, devem caminhar para serem dignos desse chamado, certos de que Deus não faltará nunca à sua fidelidade”.²⁰ O Rito de Eleição e Inscrição do Nome “é o ponto capital de todo o catecumenato”²¹, que revela a proximidade do Pai na escolha dos eleitos que agora assumem nova categoria e serão um fortalecimento à comunidade iniciática no percurso Quaresmal.

16 RICA, n. 144.

17 A partir do dia de sua “eleição” e admissão, os candidatos são chamados “eleitos”. Denominam-se também “co-petentes” porque todos juntos se esforçam ou competem para receber os sacramentos de Cristo e o dom do Espírito Santo. Chamam-se ainda “iluminados” porque o Batismo é denominado “iluminação” e através dele os neófitos são inundados pela luz da fé. (RICA, n. 24.)

18 RICA, n. 147.

19 RICA, n. 149.

20 LELO, Antonio Francisco. A Iniciação Cristã. Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo, Paulinas, 2005. p. 72.

21 RICA, n. 23.

4 ENREDOS OU PARADIGMAS

Nesse caminho que fizemos, resta-nos olhar para alguns enredos ou paradigmas que nos abrirão novos caminhos, tanto para a superação de uma eclesiologia distorcida, quanto a construção de caminhos iniciáticos que, por vez, estão fragmentados e rasos. Os *Ordines* da Iniciação Cristã restaurados pelo Concílio Vaticano II, nos possibilita ter uma Iniciação completa com os catecúmenos; pois, com a Tradição Apostólica de Hipólito de Roma, temos uma iniciação personalizada e sobretudo mistagógica. Os rituais mais antigos sofrem consequências de “um processo histórico que favoreceu a descrença, com a influência do iluminismo agnóstico e ateu, com conflitos mal resolvidos entre ciência e fé, principalmente entre intelectuais e classes dirigentes”²².

Com a estrutura do Ritual da Celebração de Eleição e Inscrição do Nome é possível destacar alguns enredos ou paradigmas: (1) o contexto litúrgico é por excelência o Tempo da Quaresma. “No início da Quaresma, que é a preparação próxima da iniciação sacramental, celebra-se a “eleição” ou inscrição do nome”²³. É neste tempo que toda a comunidade entra no grande retiro em preparação para as Festas Pascuais²⁴.

Com o rito da “eleição” encerra-se o catecumenado propriamente dito e, portanto, a longa formação do espírito e do coração. Por esse motivo, para que alguém possa ser inscrito entre os “eleitos”, deve possuir fé esclarecida e firme desejo de receber os sacramentos da Igreja. Realizada a eleição, será exortado a seguir o Cristo com maior generosidade.²⁵

(2) Nos exhibe um painel escatológico, onde o eleito já é parte da comunidade (corpo), mas ainda não plenamente. Ele agora é parte do corpo. “Para a Igreja, a eleição é como que o centro de sua solicitude em relação aos catecúmenos”²⁶. Chegando a esse tempo, possivelmente a comunidade iniciática já o examinou e não o deixará sair do Tempo, tendo em vista que “só restam” quatro semanas para a grande celebração da Vigília Pascal. (3) O eleito, torna-se o centro da comunidade e por isso transforma a vida sacramental da mesma. A Liturgia da Palavra é modificada²⁷; na oração dos fiéis, a comunidade pede a Deus Pai pelo eleito, pois ela viverá a alegre expectativa de acompanhá-lo durante todo o Tempo da purificação e iluminação. (4) O presidente desta celebração, por prerrogativa, é o bispo local. Ele como pai

22 MARSILI, S. A Liturgia, momento histórico da salvação. In. VVAA. *Anámnese 1. A liturgia, momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 71.

23 RICA n.133.

24 “Neste tempo, que costuma ocorrer na Quaresma e se inicia com a “eleição”, os catecúmenos se entregam ao recolhimento espiritual com a comunidade dos fiéis, a fim de se prepararem para as festas pascais e iniciação nos sacramentos. Para isso lhes são proporcionados os escrutínios, as entregas e os ritos de preparação imediata.” RICA n.152.

25 RICA n.134.

26 RICA n.135.

27 ANO A.

desta “parcela do povo de Deus”, recebe e acolhe os que já fazem parte da comunidade e que em breve, na Vigília Pascal, estarão introduzidos plenamente na comunidade, fazendo parte do mesmo *múnus*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se conclui com a certeza de que o *Concilium Vaticanum II*, nos “convida a reconduzir a catequese à primeira fonte da palavra de Deus, redescoberta principalmente na Bíblia, a repensá-la tendo em vista a educação da fé como atitude existencial e global da pessoa, e a recolocá-la num projeto de Igreja mais comunal e diaconal.”²⁸ Em que a principal linguagem sacramental é a linguagem eclesial, pois não existirá iniciação sacramental sem a Comunidade e ela não frutificará sem iniciados. A linguagem teológica-eclesial, evidenciada neste estudo, possibilitará perceber que o Rito é sempre eclesial e intersubjetivo, que a vida sacramental nos remete ao Pai por primeiro, e como a Virgem Maria (Cf. Lc 1.39-80), após escutarmos a Palavra, seguiremos os caminhos do mundo vivendo o serviço ao outro, na comunidade, e ao Pai.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA tradução ecumênica – TEB. São Paulo: Loyola, 1994.

GREGÓRIO DE NISSA. Homilia sobre os que Adiam o Baptismo. In: *Antologia Litúrgica*. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro século. SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (Org). 2º Ed. Fátima (Portugal), Coimbra, 2015.

TEODORO DE MOPSUÊSTE. Les homélies. XII, Catequese Mistagógica. 16. In: *Antologia Litúrgica*. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro século. SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA (Org). 2º Ed. Fátima (Portugal), Coimbra, 2015.

Tradição Apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III. (Trad.: Maria da Gloria Novak introd.: Maucyr Gibin.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. – (Coleção Clássicos da Iniciação).

Didaqué – Instruções dos apóstolos: catecismo dos primeiros cristãos. Pref. Trad. Do original grego e comentários: Urbano Zilles. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. – (Coleção Clássicos da Iniciação).

BOGAERT, Pierre-Maurice; DELCOR, Matthias. Dicionário enciclopédico da bíblia. Trad. Ary E. Pintarelli e Orlando A. Bernardi. São Paulo: Loyola/Paulinas/Paulus/Academia Cristã, 2013.

SARTORE, Domenico. TRIACCA, Achille M. (Org.) Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulus, 1992.

LECIONÁRIO DOMINICAL A-B-C. Tradução portuguesa da 2ª. edição típica para o Brasil e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e aprovada pela Sé Apostólica. São Paulo: Paulinas/Paulus, 1994.

LELO, Antonio Francisco. A Iniciação Cristã. Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo, Paulinas, 2005.

28 ALBERICH, Emilio. *Catequese Evangelizadora*. Manual de catequética fundamental. São Paulo: Salesiana, 2007. p. 36.

Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA) – Tradução portuguesa para o Brasil da edição típica. São Paulo: Paulus, 2001.

NOCENT. Adrien, “Os três Sacramentos da Iniciação Cristã. Os ordines da iniciação cristã do Vaticano II”, in VV.AA. *Anámnese 4: Os Sacramentos, Teologia e História da Celebração*. São Paulo, Ed Paulinas, 1989.

MARTINS, Maria Cristina, (Introdução; texto crítico, tradução e notas). *Peregrinação de Egéria: uma narrativa de viagem aos Lugares Santos*. Uberlândia: EDUFU, 2017.